

Jacineide Virgínia Borges Oliveira da Silva Santana



Narrativas para Transformar:

A Voz Juvenil que Ecola Justiça Social


AYA EDITORA
2026

Narrativas para Transformar:

A Voz Juvenil que Ecola Justiça Social

Jacineide Virgínia Borges Oliveira da Silva Santana

Narrativas para Transformar:

A Voz Juvenil que Ecola Justiça Social



Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autora

Jacineide Virgínia Borges Oliveira da Silva Santana

Capa

AYA Editora©

Revisão

A Autora

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczek Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Sociais Aplicadas

Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.º Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães (CIESA)
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.ª Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.º Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)
Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch (FASF)
Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2026 - AYA Editora. O conteúdo deste livro foi enviado pela autora para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva da autora, que assume total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões da autora, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente à autora da obra.

S232 Santana, Jacineide Virgínia Borges Oliveira da Silva

Narrativas para transformar: a voz juvenil que ecoa justiça social
[recurso eletrônico]. / Jacineide Virgínia Borges Oliveira da Silva Santana. --
Ponta Grossa: Aya, 2026. 83 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-931-8

DOI: 10.47573/aya.5379.1.442

1. Educação – Efeito das inovações tecnológicas. 2. Prática de ensino. I. Título

CDD:371.3340981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - A ESCOLA, O TERRITÓRIO E O DESAFIO DE FORMAR PARA A VIDA	13
CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA, NARRATIVA E VOZ: QUANDO A HISTÓRIA MORA NAS PESSOAS	16
A Voz como Território de Humanidade	16
Memória não é Passado — é Herança	17
Narrar é Existir Diante do Mundo	18
O Encontro entre Voz e Território	18
CAPÍTULO 3 - LETRAMENTO CRÍTICO, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA: QUANDO A PALAVRA SE FAZ MUNDO	20
Ler o Mundo para Reescrever	20
Direitos Humanos: Uma Ética da Presença	21
Cidadania: Muito mais que Votar, Muito mais que Obedecer.....	21
Quando a Palavra se Torna Libertação	22
O Letramento que Atravessa Vidas	22
CAPÍTULO 4 - O PODCAST COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA CONTEMPORÂNEA: ENTRE ORALIDADE, TECNOLOGIA E RESISTÊNCIA..	24
A Oralidade como Herança e como Potência	24
Tecnologia não como Fim, mas como Meio de Humanização.....	25
O Gesto Político de Apertar o Botão “Gravar”	25
A Técnica que Liberta, e não que Aprisiona	26
Podcast: um Espaço de Democratização da Fala.....	26
Entre Técnica e Afeto: O Nascimento de uma Autoria.....	27
CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: ENTRE PESQUISA, ESCUTA E VIVÊNCIA	28
Uma Pesquisa que Respira a Escola.....	28
Os Participantes: Jovens Narradores de seu Próprio Tempo.....	29

Os Instrumentos: Quando a Ferramenta Encontra a Sensibilidade	29
As Etapas como Itinerário Metodológico	30
O olhar analítico: quando o sentir encontra o rigor	31
A Ética que Sustenta a Pesquisa.....	31
CAPÍTULO 6 - ETAPA 1: SENSIBILIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO: O DESPERTAR DAS VOZES.....	32
Rodas de Conversa: Onde a dor Vira Palavra e a Palavra vira Consciência	32
A Técnica Que se Coloca a Serviço da Humanidade	33
Mobilização: Quando a Comunidade se Prepara Para Escutar seus Próprios Ecos.....	34
O Despertar da Voz Interior	34
CAPÍTULO 7 - ETAPA 2: PESQUISA E COLETA DE HISTÓRIAS: A COMUNIDADE COMO SALA DE AULA.....	35
O Primeiro Desafio: Escolher Quem Ouvir.....	35
Ir ao Encontro: a Entrevista como Gesto de Respeito	36
A Força da Oralidade Espontânea.....	37
A Pesquisa como Experiência de Pertencimento	37
Superando Metas, Superando Limites	38
CAPÍTULO 8 — ETAPA 3: ROTEIRIZAÇÃO E ESCRITA AUTORAL: TRANSFORMANDO VOZES EM NARRATIVAS	39
O Silêncio que Antecede o Gesto de Escrever.....	39
Escrever para Organizar o Mundo	40
Quando a Vida Vira Texto: O Encontro entre Emoção e Análise	40
A Escrita Coletiva: Um Gesto de Solidariedade	41
A Descoberta da Autoria	41
O Cuidado com as Vozes Alheias	42
O Nascimento de Narrativas que Importam.....	42
CAPÍTULO 9 - ETAPA 4: GRAVAÇÃO E EDIÇÃO: QUANDO A VOZ ENCONTRA O MUNDO.....	43
O corpo antes da voz	43
Descobrir a Própria voz é Descobrir a si Mesmo	44

O Desafio de Lapidar Áudio: Uma Nova Forma de Escrita	44
Superando Timidez, Medo, Insegurança.....	45
Quando a Técnica Encontra a Ancestralidade.....	46
A Gravação como Ritual de Passagem.....	46
Editar é Cuidar do que foi Dito	46
E Então... Surgiram os Episódios	47
CAPÍTULO 10 - ETAPA 5: SOCIALIZAÇÃO E IMPACTO: QUANDO A COMUNIDADE ESCUTA SUA PRÓPRIA VOZ	48
O Dia da Apresentação: Quando o Pátio Vira Palco	48
Os Estudantes como Mediadores da Memória	49
O Impacto no Território: Quando a Escola Devolve Vida.....	50
O Impacto nos Estudantes: Pertencimento e Propósito	51
O Projeto Termina, Mas Algo Permanece	51
CAPÍTULO 11 - RESULTADOS E ANÁLISES: O QUE REVELAM AS VOZES, OS TEXTOS E OS NÚMEROS.....	53
A Força dos Números: Quando a Aprendizagem se Torna Visível...	53
A Força das Vozes: Quando a Aprendizagem se Torna Experiência..	55
O Impacto Subjetivo: Aquilo que não Cabe em Indicadores.....	56
O Resultado Maior: A Transformação Coletiva	57
CAPÍTULO 12 - NARRATIVAS DOS ESTUDANTES: AS HISTÓRIAS QUE TOCARAM O CORAÇÃO DA ESCOLA.....	58
A História da Resistência Silenciosa	58
A História da Luta Contra a Desigualdade	59
A História do Preconceito e da Coragem.....	59
A História da Mulher que não Desistiu.....	60
A História da Fé e da Solidariedade.....	60
A História do Cotidiano que Vira Poesia.....	61
O Impacto das Narrativas nos Estudantes	61
O Impacto das Narrativas na Escola	61
O Impacto das Narrativas no Livro	62

CAPÍTULO 13 - PROTAGONISMO JUVENIL E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A POTÊNCIA DE UMA GERAÇÃO QUE DECIDE FALAR.....	63
Quando o Jovem se Reconhece como Sujeito Histórico	63
A Responsabilidade que Nasce da Escuta.....	64
O Gesto Político de Ocupar o Espaço da Palavra	64
A Transformação que Toca o Coletivo.....	65
O Território Também se Transforma Quando o Jovem se Transforma	66
Protagonismo como Legado	66
CAPÍTULO 14 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PALAVRA QUE PERMANECE, O MUNDO QUE SE REFAZ.....	68
A Escola como Lugar de Humanidade	68
A Juventude como Farol	69
A Comunidade como Currículo	70
A Tecnologia como Ponte.....	70
O Legado que Fica	71
A Palavra Final.....	72
Quando uma Escola Decide Escutar, Ninguém Permanece o Mesmo.....	72
REFERÊNCIAS	73
SOBRE A AUTORA.....	74
ÍNDICE REMISSIVO	75

INTRODUÇÃO

A escola pública contemporânea enfrenta o desafio de promover aprendizagens significativas em contextos marcados por desigualdades sociais, silenciamentos históricos e distanciamento entre os conteúdos escolares e a vida concreta dos estudantes. No Ensino Médio, esse desafio se intensifica, exigindo práticas de ensino que ultrapassem a mera transmissão de conteúdos e favoreçam o desenvolvimento da autonomia, da consciência crítica e da participação ativa dos jovens nos processos de aprendizagem.

Inserida nesse cenário, esta obra apresenta e analisa uma experiência pedagógica desenvolvida no Ensino Médio de uma escola pública, fundamentada no letramento crítico e orientada por práticas de ensino que valorizam a linguagem como instrumento de reflexão, expressão e transformação social. O trabalho resulta da adaptação de um projeto pedagógico aplicado em sala de aula, no qual os estudantes foram convidados a ler o mundo, interpretar sua realidade e produzir sentidos por meio da escrita, da oralidade e da escuta ativa.

Ao longo do livro, as narrativas produzidas pelos estudantes e o uso do podcast são compreendidos como metodologias de ensino, integradas ao planejamento didático e aos objetivos de aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Médio. As narrativas não são tratadas como produções literárias isoladas, mas como dispositivos pedagógicos que possibilitam aos estudantes organizar experiências, elaborar pensamentos, posicionar-se criticamente e atribuir significado às práticas escolares. O podcast, por sua vez, é assumido como recurso metodológico que potencializa a oralidade, a autoria juvenil e a circulação social do conhecimento produzido em sala de aula.

Nesse sentido, narrativa e podcast constituem estratégias didáticas articuladas, que favorecem processos de ensino e aprendizagem ancorados na realidade dos estudantes, no diálogo com o território e na problematização de temas sociais relevantes. Essas práticas permitem que a linguagem deixe de ser apenas objeto de estudo e passe a funcionar como meio de participação, investigação e intervenção no mundo, fortalecendo o protagonismo juvenil e ampliando o engajamento dos estudantes com a escola.

A experiência apresentada dialoga com concepções de ensino que compreendem o estudante como sujeito ativo da aprendizagem e o professor

como mediador de processos formativos. Ao descrever as etapas do projeto, os instrumentos utilizados, as produções desenvolvidas e os resultados observados, o livro evidencia como práticas de ensino fundamentadas no letramento crítico podem contribuir para o desenvolvimento da escrita, da oralidade, da escuta e da consciência social no Ensino Médio.

Assim, esta obra insere-se no campo do Ensino, ao analisar práticas pedagógicas concretas, refletir sobre metodologias de ensino e discutir seus impactos nos processos de aprendizagem. Ao compartilhar essa experiência, o livro busca contribuir com professores, pesquisadores e formadores interessados em práticas de ensino que reconheçam a potência da linguagem, das narrativas e das tecnologias educacionais como caminhos possíveis para uma educação pública mais significativa, crítica e transformadora.

CAPÍTULO 1 - A ESCOLA, O TERRITÓRIO E O DESAFIO DE FORMAR PARA A VIDA

A escola, quando vista apenas como construção física, parece imóvel: paredes, salas, janelas, portões. Contudo, ao nos aproximarmos de sua vida cotidiana, percebemos que ela pulsa. Cada corredor carrega marcas de sonhos interrompidos, de esperanças teimosas, de histórias que ainda aguardam quem as escreva. É nessa pulsação, viva, irregular e profundamente humana, que a escola onde este projeto foi desenvolvido, se constitui como território de pertencimento, resistência e luta cotidiana por dignidade, inclusão e sentido.

Pedras de Fogo, município onde a escola se localiza, é uma terra marcada por contrastes. Carrega a beleza da vida comunitária, o orgulho de suas tradições, a força de trabalhadores que amanhecem cedo e enfrentam o sol com coragem. Mas carrega também a sombra persistente das desigualdades: a falta de acesso a bens culturais, o peso da vulnerabilidade social, o silêncio imposto a tantas vozes que, apesar de fortes, raramente encontram espaço para se expressar.

É nesse cenário que a escola se levanta, não como abrigo neutro, mas como espaço político, como lugar onde jovens aprendem a se ver e a ver o mundo. Com 317 estudantes distribuídos entre o ensino médio integrado e o 9º ano, essa escola é atravessada por histórias diversas: filhos de agricultores, meninas que sonham estudar fora da cidade, jovens que dividem o tempo entre tarefas domésticas e responsabilidades escolares, adolescentes que já enfrentaram mais desafios do que muitos adultos imaginam.

Eles chegam à escola carregando suas vidas: a pressa, a fome, o riso, a ausência do pai ou da mãe, o brilho nos olhos quando descobrem uma habilidade, e também a sensação silenciosa de que o mundo pode ser grande demais para quem nasceu com tão pouco. E é aqui que a educação integral tenta cumprir sua promessa, não apenas ampliar a carga horária, mas ampliar horizontes.

No entanto, o território também incide sobre suas palavras. Muitos estudantes escrevem com esforço, como quem empurra uma porta pesada; outros falam com medo, como se sua própria voz pudesse denunciá-los; alguns ainda não descobriram que têm algo a dizer. Há também aqueles que carregam histórias de injustiça vividas na pele, discriminação racial, violência policial, abandono social, mas nunca tiveram espaço seguro para transformar dor em narrativa, angústia em reflexão, vivência em conhecimento.

A escola, por sua vez, também é feita de educadores que conhecem essas histórias de perto. Professores que caminham pelas mesmas ruas que seus alunos, que entendem suas urgências, que sabem que a educação não se constrói do lado de fora da vida, mas dentro dela. O corpo docente é composto por licenciados, especialistas e mestres que, entre planos de aula e reuniões pedagógicas, buscam abrir brechas de humanidade no cotidiano escolar.

E foi dessa escuta sensível, desse olhar para o território, que nasceu a inquietação que deu origem ao projeto. Não vindo como proposta pronta, mas como pergunta:

Quantas histórias se perdem quando não ensinamos nossos jovens a narrar? Quantas memórias deixam de existir quando não há quem as registre? Quantas injustiças permanecem invisíveis quando o silêncio é a única forma de sobrevivência?

Na unidade escolar, falar sobre território sempre significou falar de resistência. Significou reconhecer que o estudante não é apenas aluno, é morador, filho, neto, trabalhador, sobrevivente. E que qualquer prática pedagógica que ignore essa complexidade corre o risco de ensinar palavras vazias, que não encontram eco na vida concreta desses jovens.

Neste capítulo, o território surge não como pano de fundo, mas como protagonista. É ele que atravessa as vozes dos estudantes; é ele que molda a forma como eles compreendem injustiça, desigualdade, pertencimento. É ele que determina o ritmo da escola, às vezes lento, outras vezes urgente, e que cria as condições para que práticas pedagógicas inovadoras floresçam como sementes insistentes no chão árido das desigualdades.

Assim, o projeto que viria a transformar tantas vidas começa aqui: no reconhecimento de que a escola pública é lugar de memória e de esperança. Lugar onde cada estudante carrega uma narrativa ainda por escrever. Lugar onde a palavra, quando enfim encontra espaço para existir, se torna ato de libertação.

E talvez seja essa a primeira grande lição deste livro: nenhuma transformação acontece longe da vida. É do território, da comunidade, das dores e das potências dos estudantes que brotam as práticas pedagógicas mais verdadeiras. Aquelas que não apenas ensinam conteúdos, mas convidam jovens a se reconhecerem como sujeitos históricos, capazes de pensar, narrar e transformar o mundo.

CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA, NARRATIVA E VOZ: QUANDO A HISTÓRIA MORA NAS PESSOAS

Há histórias que nascem escritas, preservadas em livros, museus e arquivos. Mas há outras, infinitamente mais frágeis, que existem apenas enquanto alguém as conta. Histórias que sobrevivem na memória dos mais velhos, nos gestos repetidos de quem aprendeu com a vida, nos silêncios que guardam dores que ainda não cabem nas palavras. São narrativas que escorrem pelas bordas da história oficial, e justamente por isso, talvez, sejam as mais verdadeiras.

Em Pedras de Fogo, essas histórias caminham pelas ruas. Estão nas mãos calejadas de agricultores, nas lembranças de mulheres que enfrentaram injustiças em silêncio, nos relatos de jovens que sonham enquanto atravessam realidades duras. Estão também no riso fácil das crianças da zona rural, que correm descalças entre poeira, esperança e resistência. Essas narrativas formam um tecido vivo, pulsante, que não cabe nos mapas nem nos documentos formais, mas que molda profundamente a vida dos estudantes.

É por isso que, antes de falar sobre podcast, tecnologia ou letramento, é preciso falar de voz. Voz como presença. Voz como direito. Voz como lugar de existência.

A Voz como Território de Humanidade

Mikhail Bakhtin (2003) dizia que toda palavra é povoada de vozes, vozes de quem a disse antes, de quem a reinventou, de quem a escutou. A palavra nunca é neutra; ela carrega história, pertencimento e disputa. No contexto da escola pública, essa afirmação ganha ainda mais força: muitos estudantes só descobrem que têm algo a dizer quando alguém lhes oferece espaço para falar. E quando falam, algo se move.

A narrativa, nesse sentido, não é apenas um gênero textual. É um gesto político. Quando um estudante entrevista um morador antigo da comunidade, ele não está apenas registrando falas; está legitimando vidas. Está dizendo: “o que você viveu importa; sua memória tem valor; sua história merece ser ouvida”.

É impressionante a forma como o simples ato de escutar altera a postura dos jovens. A princípio tímidos, desconfiados, eles começam a compreender que carregar um microfone é mais do que uma tarefa técnica: é um convite à responsabilidade. Eles passam a ser guardiões de histórias que não lhes pertencem, mas que atravessam suas próprias vidas.

Ao mergulhar nas narrativas do território, os estudantes percebem que suas próprias experiências, tantas vezes desprezadas, minimizadas ou silenciadas, também têm profundidade. Que suas famílias carregam memórias de resistência. Que suas comunidades guardam formas de sabedoria que não aparecem nos livros didáticos. E que existe, na oralidade cotidiana, uma potência transformadora que a escola frequentemente ignora.

Memória não é Passado — é Herança

“Memória não é apenas aquilo que aconteceu. É aquilo que permanece vivo.” Gabriel García Márquez (2003).

Quando os estudantes da ECIT ouviram relatos sobre desigualdades históricas vividas por moradores antigos, não estavam estudando apenas passado: estavam percebendo como essas marcas seguem operando no presente. Um morador que não teve acesso à escola, uma mulher que enfrentou violência doméstica, um jovem perseguido politicamente, tudo isso são narrativas que ainda reverberam nos corpos e nas trajetórias dos estudantes.

Ao transformar essas narrativas em roteiros de podcast, eles realizaram um movimento pedagógico extremamente potente: o passado se colocou a serviço da consciência do presente. É nesse ponto que a memória se torna instrumento de educação para os direitos humanos. Ela ilumina as raízes das desigualdades. Ela denuncia as continuidades da injustiça. E ela também celebra os gestos de resistência, aqueles que, apesar de tudo, mantiveram viva a esperança da comunidade.

Narrar é Existir Diante do Mundo

Paulo Freire (2020) dizia que ninguém liberta ninguém: libertamo-nos em comunhão, na troca de palavras, na reflexão conjunta. Narrar experiências, próprias ou alheias, é um modo de elaborar o mundo, de interpretá-lo e de transformá-lo. O podcast, então, não foi uma escolha aleatória; foi um gesto pedagógico de profunda simbologia. Porque o podcast exige algo essencial: escuta. E não há educação transformadora sem escuta.

A oralidade, tão presente na vida dos estudantes, finalmente encontrou lugar de valor no trabalho escolar. Aquela fala que antes parecia “informal”, “bagunçada”, “sem estrutura”, revelou sua força quando começou a se organizar em narrativas conscientes, críticas, emocionadas. Ao ouvir suas próprias vozes gravadas, muitos estudantes se surpreenderam: “Foi eu quem disse isso?”, “Nossa, eu falo bem!”, “Eu consigo explicar algo importante!” O podcast devolveu a eles o espelho da autoria.

Quando uma estudante coloca fones de ouvido e escuta sua própria entrevista, ela não está ouvindo apenas a fala; ela está ouvindo sua coragem. Quando um aluno revisa um roteiro em que narra injustiças sociais vividas por sua comunidade, ele está lapidando não apenas texto, mas consciência.

A narrativa transforma porque ela revela.

Revela o outro.

Revela o mundo.

Revela a si mesmo.

O Encontro entre Voz e Território

O mais bonito no projeto não foi a técnica, embora ela seja importante, mas o encontro humano que ele proporcionou. A cada entrevista realizada, havia um fio invisível conectando gerações. Uma estudante ouviu a história de uma senhora que caminhava quilômetros para estudar. Um grupo conversou com um trabalhador que enfrentou perseguição política. Outros conheciam memórias de infância de moradores que nunca tinham sido convidados a falar sobre sua vida.

Esse encontro, entre juventude e memória, tecnologia e ancestralidade, escola e comunidade, é talvez o acontecimento pedagógico mais profundo que um projeto pode proporcionar. Ali, onde antes havia apenas dados

estatísticos e diagnósticos de dificuldades, surgiu algo difícil de medir, mas impossível de ignorar: pertencimento.

Os estudantes perceberam que fazem parte de uma história maior. Que são continuadores de lutas, herdeiros de resistências, protagonistas de narrativas que ainda estão sendo escritas. E esse reconhecimento, que nasce do diálogo com o território, prepara o terreno fértil para todo o restante deste livro.

CAPÍTULO 3 - LETRAMENTO CRÍTICO, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA: QUANDO A PALAVRA SE FAZ MUNDO

Há saberes que nascem dos livros, e há saberes que nascem da vida. Entre esses dois mundos, o escrito e o vivido, circulam estudantes que, muitas vezes, não se reconhecem como produtores de conhecimento. Escutam, ao longo da vida escolar, que precisam aprender a escrever “corretamente”. Mas raramente escutam que já carregam consigo uma linguagem que importa, uma percepção do mundo que merece ser narrada, uma experiência que traduz a complexidade de seu território.

É justamente aqui que o letramento crítico encontra sua força: ele rompe a ideia de que a palavra é algo distante, inacessível, reservado apenas a quem “sabe falar bem”. Ele devolve a linguagem às mãos dos sujeitos, afirmando que toda leitura do mundo precede qualquer leitura da palavra, como lembrava Paulo Freire (2020). Antes de escreverem textos formais, os estudantes já interpretam injustiças, já raciocinam sobre desigualdades, já identificam silenciamentos. Já leem o mundo com os olhos de quem tenta sobreviver dentro dele.

Ler o Mundo para Reescrever

A escola, quando comprometida com o letramento crítico, assume esse ponto de partida: a leitura não é mero decodificar, mas atravessar. Não é repetir informações, mas problematizá-las. Não é aceitar o mundo como ele é, mas ousar imaginar como ele pode ser.

Freire (2023) dizia que a educação só se torna libertadora quando convida as pessoas a se perceberem como sujeitos históricos. E foi exatamente isso que começou a acontecer quando os estudantes foram chamados a investigar suas comunidades. O exercício de ouvir entrevistas e transformar

relatos em narrativas não era apenas um trabalho escolar; era uma forma de dizer:

“Nós também temos história.

Nós também pensamos.

Nós também narramos o mundo.”

A linguagem, então, deixou de ser instrumento de avaliação para se tornar instrumento de existência.

Direitos Humanos: Uma Ética da Presença

Quando falamos de direitos humanos na escola, é comum que o tema apareça através de conteúdos abstratos: artigos, leis, convenções internacionais. Tudo isso tem importância, mas fica distante se não toca a vida concreta dos estudantes. Para os jovens da escola em questão, desigualdade não é conceito: é experiência.

Ela aparece na distância entre a casa e a escola, na fila do posto de saúde, na falta de oportunidades, na violência que ronda bairros periféricos. Aparece na forma como muitos precisam amadurecer cedo demais, cuidar de irmãos, trabalhar antes do tempo, enfrentar racismo ou discriminação com a roupa que usam, o cabelo que carregam ou o bairro onde vivem.

Por isso, quando o projeto convidou esses jovens a entrevistar moradores sobre temas sociais, algo importante aconteceu: os direitos humanos deixaram de ser teoria e passaram a ser corpo, voz, memória. Uma senhora que nunca teve acesso ao estudo tornou-se exemplo vivo de desigualdade. Um trabalhador marcado por perseguição política tornou-se testemunho de injustiça histórica. Uma mãe que enfrentou violência passou a representar tantas outras silenciadas.

A escola, assim, não ensinou direitos humanos, ela os experimentou.

Cidadania: Muito mais que Votar, Muito mais que Obedecer

Em muitos discursos, cidadania é tratada como um conjunto de regras: respeitar o outro, cumprir deveres, conhecer leis. Mas cidadania, no sentido profundo do termo, é a capacidade de participar criticamente da vida pública. De perceber relações de poder. De reconhecer injustiças. De assumir a própria voz como instrumento de transformação.

Quando os estudantes produziram seus podcasts, eles não apenas aprenderam técnicas de gravação; aprenderam a articular pensamento. Aprenderam a fazer perguntas difíceis. Aprenderam a construir um discurso com começo, meio e fim, um discurso que exige posicionamento, e não neutralidade.

A cidadania que nasceu no projeto não é protocolar: é insurgente. Ela nasce quando o jovem diz:

“Eu vejo essa injustiça.

Eu entendo por que ela acontece.

E eu posso falar sobre isso.”

Esse movimento, de consciência para linguagem, de linguagem para ação, é talvez o gesto mais profundo que a escola pode oferecer.

Quando a Palavra se Torna Libertação

Bell Hooks (2017) dizia que a sala de aula pode ser um lugar de dominação ou de liberdade. Depende do que fazemos com a palavra.

Se a palavra é usada para calar, a escola oprime.

Se a palavra é usada para iluminar, a escola transforma.

O podcast funcionou como dispositivo de liberdade porque devolveu aos estudantes o direito de falar sem ser interrompidos, sem serem corrigidos imediatamente, sem medo do julgamento escrito no boletim. Ao escrever roteiros, eles puderam pensar; ao gravar episódios, puderam respirar; ao ouvir suas próprias vozes, puderam se reconhecer. E o reconhecimento é semente de autonomia.

Muitos estudantes, ao longo do projeto, relataram que nunca tinham escrito um texto “que faria diferença para alguém”. Outros disseram que nunca imaginaram que suas palavras pudessem alcançar tantas pessoas. E alguns, antes tímidos, perceberam que a voz trêmula que carregavam no início se firmava quando a narrativa ganhava sentido. Não foi apenas aprendizado linguístico, foi emancipação.

O Letramento que Atravessa Vidas

O letramento crítico não se limita a melhorar notas, embora as notas tenham melhorado, como veremos nos capítulos futuros. Ele amplia mundos.

Ele faz com que um estudante enxergue a entrevista que realizou com um idoso da comunidade não como tarefa, mas como resgate.

Faz com que uma jovem reconheça, na história da entrevistada, a luta de sua própria mãe.

Faz com que o ato de gravar um podcast se torne gesto de honrar memórias.

A palavra, quando nasce enraizada na experiência, se torna árvore.

Cria sombra. Cria frutos. Cria caminhos.

CAPÍTULO 4 - O PODCAST COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA CONTEMPORÂNEA: ENTRE ORALIDADE, TECNOLOGIA E RESISTÊNCIA

A tecnologia, para muitos estudantes da escola pública, costuma aparecer como promessa distante. Celulares抗igos, internet limitada, computadores compartilhado. A experiência digital chega fragmentada, como se o mundo conectado existisse sempre a alguns passos de distância. Mas quando a tecnologia é trazida para dentro da escola como ponte, e não como barreira, algo extraordinário acontece: ela deixa de ser objeto de consumo e passa a ser instrumento de expressão.

O podcast entrou na nossa escola não como novidade tecnológica, mas como convite. Convite para falar, para escutar, para se reconhecer. Ele não exigiu grandes equipamentos, estúdios sofisticados ou técnicas avançadas; exigiu algo muito mais profundo: a coragem de assumir a própria voz.

A Oralidade como Herança e como Potência

A vida de muitos jovens é construída na oralidade: no relato da mãe ao final do dia, na conversa com vizinhos, na história contada pela avó, nas músicas que acompanham o cotidiano, nos debates espontâneos que surgem no pátio da escola. A oralidade é território de pertencimento, é forma de conhecimento, é modo de existir.

Entretanto, a escolarização tradicional frequentemente deslegitima essa oralidade, tratando-a como informal, errada, insuficiente. A fala viva,

cheia de intensidade, ritmo, memória e afeto, muitas vezes é silenciada em nome de uma norma culta que, sozinha, não dá conta da complexidade da vida real.

O podcast rompe essa lógica.

Ele devolve valor à fala comum, ao jeito particular de cada estudante pronunciar o mundo. Ele reconhece que existe sabedoria no sotaque, na cidadania, na respiração entre as frases. Ele mostra que o conhecimento não precisa vestir a roupa da formalidade para ser verdadeiro.

E, ao mesmo tempo, o podcast convida ao domínio técnico: aprender a controlar o volume, escolher trilha, organizar um roteiro, editar um trecho. Entre a oralidade ancestral e a tecnologia contemporânea, surge uma síntese que é profundamente pedagógica: o estudante aprende a transformar sua voz em mensagem.

Tecnologia não como Fim, mas como Meio de Humanização

É tentador tratar a tecnologia como resposta a todos os problemas da educação. Mas nenhuma ferramenta digital, por si só, produz consciência crítica. Computadores podem repetir desigualdades. Celulares podem reproduzir silenciamentos.

O que transforma é o uso pedagógico da tecnologia, o uso que abre caminhos, que amplia mundos, que devolve ao estudante a autoria sobre sua própria história. Foi assim no projeto.

O podcast não foi um fim; foi um meio. Um meio de registrar memórias, de construir diálogo, de fortalecer identidades. Um meio de olhar para a comunidade com respeito. Um meio de falar de injustiça social com seriedade e sensibilidade. Um meio de perceber que há potência na própria experiência.

A tecnologia, nesse contexto, tornou-se aliada da humanidade. Em vez de afastar os jovens de suas raízes, aproximou-os ainda mais delas.

O Gesto Político de Apertar o Botão “Gravar”

Gravar um podcast, para quem nunca fez isso, parece simples. Mas, quando um estudante aperta o botão vermelho pela primeira vez, algo acontece. Um silêncio novo se instala. Um respeito profundo toma conta do am-

biente. A voz que sempre esteve ali, às vezes tão desacreditada, torna-se centro do processo.

Ali, naquele instante, o estudante reconhece que tem algo a dizer.

É um gesto político.

É um gesto de resistência.

Porque jovens de escolas públicas muitas vezes foram ensinados, de forma explícita ou velada, a falar baixo. A não incomodar. A não se colocar demais. A não ocupar espaço.

O podcast inverte essa lógica: ele diz aos jovens que suas vozes merecem registro, merecem público, merecem memória. Não há poder maior do que esse.

A Técnica que Liberta, e não que Aprisiona

Durante as oficinas, quando aprenderam sobre microfones, edição e organização sonora, os estudantes perceberam que técnica não é obstáculo, é ferramenta de liberdade. Eles não precisaram ser especialistas; precisaram ser curiosos. O domínio técnico não anulou a sensibilidade; ao contrário, ampliou-a.

A tecnologia, quando acolhedora, permite que o estudante se veja como alguém capaz.

Capaz de criar.

Capaz de produzir.

Capaz de comunicar.

Muitos, ao ouvirem os primeiros testes de áudio, riram de nervoso. Outros quiseram regravar imediatamente. Mas, aos poucos, o laboratório de informática deixou de ser apenas sala com computadores: tornou-se estúdio, palco, território de experimentação.

E nesse processo, aprenderam algo essencial: a sua voz merece ser lapidada, não corrigida; fortalecida, não silenciada.

Podcast: um Espaço de Democratização da Fala

A escola é, historicamente, espaço onde poucos falam e muitos escutam. A fala do professor domina; a fala do estudante é solicitada apenas quando avaliada. O podcast rompe essa hierarquia.

De repente, eram os estudantes que entrevistavam professores, moradores, gestores, trabalhadores. Eram eles que conduziam a conversa, faziam perguntas, aprofundavam reflexões. A inversão de papéis não apenas estimulou autonomia; revelou a legitimidade da curiosidade juvenil.

A fala jovem passou a ser mediadora de diálogos intergeracionais. E, nesse encontro, todos cresceram.

Entre Técnica e Afeto: O Nascimento de uma Autoria

Cada episódio produzido pelos estudantes é mais do que um produto final: é testemunho de um processo formativo. Por trás de cada minuto de áudio, há horas de escuta, debate, escrita, reescrita, reflexão e coragem.

O podcast, nesse sentido, não é apenas tecnologia, é pedagogia.

E não apenas pedagogia no sentido tradicional do termo, mas pedagogia da esperança, da escuta, da autonomia. Ele mostra que a educação pode ser mais do que transmissão: pode ser criação. Pode ser encontro. Pode ser cura.

Porque, quando o jovem escuta sua própria voz contando uma história de resistência de sua comunidade, ele percebe que também faz parte dessa corrente de resistência. E que, ao narrar, ele se inscreve no mundo.

CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: ENTRE PESQUISA, ESCUTA E VIVÊNCIA

Toda pesquisa nasce de uma inquietação. Entretanto, há inquietações que não cabem apenas em hipóteses, tabelas ou métodos: elas se manifestam no olhar dos estudantes, nos silêncios que trazem para a sala de aula, na maneira como se relacionam com o território e com suas próprias histórias. Foi desse tipo de inquietação, concreta, encarnada, profundamente humana, que nasceu a metodologia deste trabalho.

Mais do que uma estrutura técnica, a metodologia aqui apresentada é o resultado de um modo de estar com os estudantes, de compartilhar com eles o gesto de investigar o mundo, de escutar com atenção e de transformar a vivência em conhecimento. Assim como Paulo Freire (2023) defendia, a pesquisa não foi algo feito sobre os estudantes, mas com eles. Não havia espectadores: havia sujeitos em diálogo.

Uma Pesquisa que Respira a Escola

A experiência desenvolvida assumiu características de uma pesquisa qualitativa, descritiva e vivencial, não apenas porque esses termos aparecem nas classificações acadêmicas, mas porque representam o movimento real do trabalho.

Foi qualitativa porque lidou com sentidos, emoções, discursos, memórias, vínculos. Foi descritiva porque buscou registrar, com cuidado e sensibilidade, cada etapa vivida pelos estudantes. E foi vivencial porque todo conhecimento produzido emergiu da experiência direta: do encontro com o outro, da escuta ativa, da prática narrativa.

Robert Yin (2015) afirma que pesquisas desse tipo se constroem a partir da vida real, em cenários onde o fenômeno não é isolado, mas se mistura com o cotidiano. E não poderia ser diferente: o projeto acontecia no corredor da escola, na casa dos entrevistados, no laboratório de informática, nos intervalos, nos sustos, nas descobertas. O campo de pesquisa era o próprio mundo vivido pelos estudantes.

Por isso, a metodologia nasceu como um corpo em movimento, acompanhando os passos dos jovens e permitindo que suas experiências orientassem as próximas ações.

Os Participantes: Jovens Narradores de seu Próprio Tempo

A pesquisa envolveu estudantes da 2^a Série A, um grupo heterogêneo, diverso e profundamente marcado pelo território. Eram jovens de diferentes trajetórias, alguns tímidos, outros expansivos, alguns já familiarizados com tecnologia, outros dando seus primeiros passos no uso de ferramentas digitais.

O que todos compartilhavam era algo essencial: uma história para contar. Histórias pessoais, familiares, comunitárias. Histórias que, antes do projeto, muitas vezes permaneciam guardadas, invisíveis, não por falta de importância, mas por falta de espaço.

A metodologia reconheceu a legitimidade dessas narrativas e fez delas matéria-prima para a aprendizagem.

Os Instrumentos: Quando a Ferramenta Encontra a Sensibilidade

A pesquisa utilizou diferentes instrumentos, mas todos guiados pela mesma lógica: registrar o que os estudantes viviam e produzir condições para que eles elaborassem suas próprias interpretações.

- Entre os instrumentos utilizados, destacam-se:
- Rodas de conversa, como espaço de escuta horizontal;
- Roteiros de entrevista, elaborados pelos próprios estudantes;
- Registros escritos, como roteiros, reflexões e produções autorais;
- Gravações de áudio, que capturaram não apenas fala, mas emoção;

- Oficinas técnicas, que aproximaram os jovens das ferramentas digitais;
- Formulários de avaliação, que registraram percepções, avanços e dificuldades;
- Anotações e fotografias, que preservaram momentos significativos do processo.

Esses instrumentos, porém, não foram utilizados como dispositivos neutros. Cada roda de conversa carregava um encontro humano. Cada gravação trazia junto a respiração nervosa do estudante. Cada roteiro era tecido de dúvidas, descobertas, indignações.

A metodologia, portanto, não apenas coletou dados: acolheu vidas.

As Etapas como Itinerário Metodológico

Embora o projeto tenha seguido cinco etapas (sensibilização, pesquisa, roteirização, gravação e socialização), elas não foram meros passos lineares. Cada etapa continha gestos metodológicos importantes: escutar, registrar, analisar, refletir, reescrever, regravar, revisar, e começar tudo de novo quando necessário.

1. Sensibilização

Metodologicamente, foi o momento do despertar crítico. Os estudantes leram o mundo antes de escrever a palavra. Reconheceram injustiças, identificaram desigualdades e compartilharam vivências.

2. Pesquisa e entrevistas

Aqui, a escuta se tornou ação investigativa. Ao entrevistar moradores, os estudantes se viram como pesquisadores: atentos, curiosos, responsáveis por narrativas que não lhes pertenciam, mas que passaram a compor suas trajetórias.

3. Roteirização

Roteirizar é interpretar. Os jovens transformaram narrativas brutas em textos organizados, exercitaram coerência, argumentação e sensibilidade, descobriram que suas palavras podiam sustentar ideias e denunciar injustiças.

4. Gravação e edição

A voz, finalmente, se tornou registro. A técnica apareceu como aliada

da expressão. Os estudantes aprenderam que comunicar exige cuidado, clareza, escolha de palavras, e também ousadia.

5. Socialização

Foi o momento da devolutiva à comunidade. Os estudantes se viram como autores públicos. O território escutou suas vozes, e suas vozes revelaram o território.

O olhar analítico: quando o sentir encontra o rigor

Embora guiada por sensibilidade e diálogo, a pesquisa também exigiu rigor analítico. Os dados foram interpretados à luz do letramento crítico e da pedagogia freireana, observando:

- Desenvolvimento da escrita;
- Amadurecimento da oralidade;
- Engajamento com temas sociais;
- Fortalecimento da identidade e do pertencimento;
- Domínio de ferramentas tecnológicas;
- Ampliação do repertório cultural;
- Produção de narrativas críticas e fundamentadas.

Mais do que medir resultados, a análise buscou compreender transformações. Porque, em projetos como este, não é apenas o texto que muda, é o sujeito que se transforma.

A Ética que Sustenta a Pesquisa

Nenhuma metodologia é neutra. Toda pesquisa carrega uma ética, explícita ou invisível, que orienta seus gestos.

Aqui, a ética foi a da escuta, do respeito, da confidencialidade, da valorização da experiência. Quando um morador abriu sua história, os estudantes aprenderam a acolhê-la como quem recebe um tesouro. Quando um colega compartilhou uma dor, os outros escutaram como quem sustenta. Quando uma narrativa abordou violência, desigualdade ou injustiça, o grupo trabalhou com cuidado, sabendo que cada palavra precisava honrar quem a viveu. Assim, a metodologia não foi somente técnica; foi afetiva, comunitária, coletiva, política.

CAPÍTULO 6 - ETAPA 1: SENSIBILIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO: O DESPERTAR DAS VOZES

Antes que qualquer narrativa pudesse ser escrita, antes mesmo de se falar em podcast, roteiros ou edição, era preciso acender algo mais profundo nos estudantes: a consciência de que suas vozes tinham valor. De que sua comunidade continha histórias que mereciam ser contadas. De que a escola podia ser lugar de escuta, e não apenas de fala institucional. Foi assim que nasceu a primeira etapa: a sensibilização, uma etapa silenciosa e, ao mesmo tempo, ruidosa por dentro.

A escola se reuniu no pátio. Estudantes, professores, coordenação, funcionários... todos ali, olhando atentos para o espaço onde tantas vezes se encontravam apenas para avisos rápidos ou comunicados formais. Mas, naquele dia, o pátio se tornou território de encantamento. O som dos primeiros podcasts apresentados como exemplo ecoou no ar, revelando possibilidades que muitos estudantes nunca tinham imaginado. Histórias reais narradas com emoção, trilhas que davam vida às palavras, e pessoas comuns transformadas em protagonistas.

Quando os estudantes ouviram esses relatos, algo mudou no olhar deles. Era como se percebessem, pela primeira vez, que aquilo também poderia ser feito por eles, e que suas comunidades eram tão dignas de memória quanto quaisquer outras.

Rodas de Conversa: Onde a dor Vira Palavra e a Palavra vira Consciência

Depois do momento coletivo, a sensibilização continuou nas salas de aula. Ali, sem microfones nem formalidades, surgiram as rodas de conversa. Um círculo simples de cadeiras, tão comum nas escolas, mas que, desta vez, abria espaço para dizer o que geralmente é calado.

Os estudantes falaram do que viam e viviam:

- Episódios de racismo;
- Desigualdade econômica;
- Violência nas ruas;
- Descaso com a cultura local;
- Sonhos interrompidos;
- Medos que ninguém nunca tinha perguntado;
- Esperanças que eles guardavam como quem protege algo precioso.

Muitos estudantes falaram pela primeira vez sobre dores antigas. Outros, que quase nunca levantavam a mão nas aulas tradicionais, se sentiram autorizados a compartilhar suas visões sobre justiça, injustiça e pertencimento. A escola se encheu de vozes que não falavam de conteúdos pedagógicos, mas de vida, a matéria mais humana que existe.

Era como se cada palavra fosse abrindo uma pequena fresta por onde a luz entrava.

A Técnica Que se Coloca a Serviço da Humanidade

Durante a sensibilização, não se falou apenas de sentimentos. O professor do curso técnico de Informática, Gabriel, entrou em cena com seu jeito didático e acolhedor para apresentar princípios básicos de gravação, captação de áudio e edição. Ele não ensinou técnica de modo frio, ensinou como quem entrega ferramentas para que os jovens ampliem suas possibilidades de expressão.

Os estudantes perceberam que não precisavam de equipamentos caros para produzir algo belo. Bastavam um celular, um microfone simples, um fone de ouvido e, sobretudo, intenção. A técnica não vinha para intimidar; vinha para libertar.

A professora de História contextualizou os temas sociais, situando-os no tempo e nas lutas da comunidade. A professora de Português conduziu reflexões sobre narrativa, voz, estrutura textual. E a gestão escolar, presente e sensível, sustentou o processo como solo fértil para que a experiência pudesse florescer.

A escola inteira respirava o mesmo movimento.

Mobilização: Quando a Comunidade se Prepara Para Escutar seus Próprios Ecos

A etapa de sensibilização não mobilizou apenas estudantes, mas toda a escola. Funcionários, professores de outras disciplinas e até familiares começaram a perguntar sobre o projeto. Havia uma expectativa bonita no ar: finalmente, a comunidade veria seus próprios rostos, suas próprias histórias e sua própria força ecoando nas vozes dos jovens.

Os estudantes perceberam que o projeto não era só pela escola; era para o território. E isso alterou tudo. Uma responsabilidade nova surgiu. Já não era apenas “um trabalho escolar”, era algo que poderia honrar a memória de pessoas importantes, denunciar injustiças, revelar histórias silenciadas.

O Despertar da Voz Interior

A sensibilização provocou algo invisível, mas profundo: o despertar da voz interior. Em muitos estudantes, a ideia de “não ter nada a dizer” começou a se desfazer. Eles entenderam que suas experiências, mesmo pequenas, carregavam universos inteiros. E que as vivências de sua comunidade eram fontes legítimas de conhecimento.

A partir desse despertar, a pergunta que guiou o projeto deixou de ser “o que vamos produzir?” e passou a ser:

“Que histórias o nosso território precisa que a gente conte?”

Essa pergunta se tornou o motor do projeto. Ela convocou responsabilidade, sensibilidade e coragem. E foi assim que terminou a etapa da sensibilização: com olhos brilhando, cadernos sendo abertos, ideias surgindo, inquietações florescendo.

A voz tinha despertado.

Agora, era hora de colocá-la em movimento.

CAPÍTULO 7 - ETAPA 2: PESQUISA E COLETA DE HISTÓRIAS: A COMUNIDADE COMO SALA DE AULA

Há escolas que ensinam dentro das quatro paredes. E há escolas que se permitem atravessar, ser atravessadas e aprender com o território, abrindo suas portas para que o mundo entre, sente, fale e transforme. A ECIT João Úrsulo, durante o desenvolvimento deste projeto, tornou-se exatamente isso: um espaço que estendeu sua sala de aula para as ruas, para as casas, para os comércios, para os bancos das praças, para a memória viva de Pedras de Fogo.

A segunda etapa do projeto, pesquisa e coleta de histórias, marcou o momento em que os estudantes compreenderam que sua comunidade não era apenas cenário de suas vidas: era fonte legítima de conhecimento. E, talvez pela primeira vez, perceberam que a escola reconhecia o valor das pessoas que eles sempre conheceram: o vizinho, o agricultor, o pastor, a dona de casa, o avô de um colega, o comerciante que trabalha até tarde, a mulher que lidera um grupo comunitário, o trabalhador que carrega histórias de luta.

Cada um deles, com sua voz única, tornou-se peça fundamental na construção dos podcasts.

O Primeiro Desafio: Escolher Quem Ouvir

Quando os grupos começaram a mapear possíveis entrevistados, um silêncio curioso tomou conta da sala. Não era silêncio de timidez; era o silêncio do espanto. Os estudantes se olhavam como quem diz: “Será que a gente pode mesmo entrevistar essas pessoas?”

Era como se, de repente, eles enxergassem a própria comunidade com outros olhos, olhos mais atentos, mais sensíveis, mais curiosos.

Eles começaram a listar nomes:

- O morador mais antigo do bairro, conhecido pela memória afiada;
- A agricultora que acorda antes do sol e carrega décadas de histórias na pele;
- O rapaz que trabalha no comércio e presenciou episódios de injustiça;
- A mulher que dedicou sua vida a ações sociais;
- Ex-alunos que hoje enfrentam dificuldades semelhantes às que a turma vive;
- Professores aposentados, guardiões silenciosos de tantas narrativas educativas.

Quando perceberam, a lista crescia como se houvesse pressa de registrar o que estava prestes a se perder. A comunidade, que sempre esteve ali, tornou-se um universo de possibilidades narrativas.

A pesquisa, então, deixou de ser tarefa escolar: tornou-se encontro.

Ir ao Encontro: a Entrevista como Gesto de Respeito

O dia das entrevistas foi um dos mais significativos. Ao segurar o roteiro elaborado, muitos estudantes tremiam levemente, não de medo, mas de responsabilidade. Estavam prestes a ouvir histórias reais, que mereciam cuidado e respeito.

Algumas entrevistas aconteceram na escola: sentados em cadeiras simples, frente a frente, estudantes e entrevistados dividiram memórias que nem sempre tinham sido ditas em voz alta. Outras entrevistas ocorreram na comunidade: no balcão de um comércio, em uma praça, no local de trabalho de um morador que só tinha aquele horário disponível. Essas pequenas mudanças de cenário fizeram com que os estudantes percebessem que a aprendizagem acontecia para além dos muros escolares.

E aprendiam muito.

Aprendiam a escutar sem interromper.

Aprendiam a fazer perguntas com delicadeza.

Aprendiam que o entrevistado não é fonte a ser explorada, é pessoa a ser honrada.

A cada resposta que escutavam, os estudantes carregavam consigo fragmentos de vida. Um morador contou sobre o tempo em que estudar era privilégio de poucos. Uma trabalhadora narrou episódios de violência e resistência. Um jovem descreveu como enfrentou preconceitos que ainda ecoam na cidade. Outros evocaram memórias de luta, fé, perdas e conquistas.

A comunidade, tantas vezes silenciada, encontrou, ali, quem quisesse realmente ouvir.

A Força da Oralidade Espontânea

Algo belo aconteceu durante essa fase: os estudantes começaram a perceber a beleza do improviso, da fala simples, da emoção que vaza pela entonação. Entenderam que um podcast não exige frases perfeitas, exige verdade. E verdade é aquilo que se diz com o corpo inteiro, não apenas com as palavras.

A oralidade espontânea dos entrevistados revelou:

- Memórias sobre desigualdades persistentes;
- Relatos de resistência política em Pedras de Fogo;
- Histórias de superação escondidas no cotidiano;
- Testemunhos de injustiças que permaneceram invisíveis;
- Narrativas de acolhimento, união e solidariedade.

Esse relatos serviram como bússola para que os estudantes compreendessem que o mundo é feito de vozes que se cruzam, se contradizem, se complementam e se revelam. E que é justamente essa pluralidade que sustenta a vida social.

A Pesquisa como Experiência de Pertencimento

Ao final das entrevistas, os estudantes traziam não apenas gravações, mas transformações internas. Muitos disseram que nunca haviam conversado tão profundamente com alguém de sua comunidade. Outros confessaram que se sentiram importantes pela primeira vez, como se aquela missão de registrar memórias lhes atribuisse um papel social novo.

Eles não estavam apenas perguntando; estavam se reconhecendo.

As perguntas sobre desigualdade, racismo, violência, falta de acesso à educação e injustiças locais encontraram respostas reais, concretas, emocionais.

nadas. E, ao ouvi-las, os estudantes começaram a compreender que o que acontece com o outro também os atravessa.

A escola, de repente, tornou-se mais ampla.

A comunidade, mais próxima.

A vida, mais politizada.

A pesquisa fez o território respirar dentro de cada estudante.

Superando Metas, Superando Limites

O planejamento do projeto previa a realização de 10 entrevistas. No entanto, os estudantes produziram 11, não por obrigação, mas por desejo. O desejo de registrar, de escutar, de não deixar nenhuma história escapar. Superaram a meta porque superaram a si mesmos.

Ao perceber que suas ações tinham impacto real, os estudantes encontraram um novo tipo de motivação: a de saber que são capazes de criar algo que deixa marcas. Algo que comunica. Algo que importa.

A pesquisa não apenas coletou histórias, criou vínculos. E quando uma escola cria vínculos, cria também a possibilidade de transformar vidas.

CAPÍTULO 8 — ETAPA 3: ROTEIRIZAÇÃO E ESCRITA AUTORAL: TRANSFORMANDO VOZES EM NARRATIVAS

Na escola, muitos jovens crescem acreditando que escrever é difícil demais, formal demais, distante demais. Alguns pensam que não sabem escrever “bonito”, que não têm vocabulário suficiente, que suas histórias não servem como literatura. Outros carregam cicatrizes invisíveis deixadas por correções severas, por textos devolvidos com notas baixas, por comentários que apagaram, pouco a pouco, a confiança na própria voz.

Mas há um instante, delicado e poderoso, em que tudo isso começa a ruir. Esse instante chega quando o estudante comprehende que escrever não é obedecer às regras; é contar algo que importa.

E foi exatamente isso que aconteceu quando a turma entrou na etapa de roteirização do projeto. Depois de ouvirem histórias da comunidade, de entrevistar moradores e de retornarem carregados de memórias vivas, os estudantes se viram diante de uma nova tarefa: transformar tudo aquilo em narrativa. Era o momento de escrever não apenas com a mão, mas com a alma.

O Silêncio que Antecede o Gesto de Escrever

Na primeira oficina de roteirização, o laboratório de informática parecia respirar junto com os estudantes. Havia uma inquietação boa: aquela sensação que surge diante de algo novo, algo que desafia e, ao mesmo tempo, chama para perto.

Sobre as mesas, os roteiros impressos. Na tela dos computadores, documentos em branco aguardavam as primeiras palavras. Alguns estudantes hesitaram; outros começaram a digitar com leveza; alguns encostaram as mãos na cabeça, como se precisassem recolher suas ideias em silêncio. E então, lentamente, as narrativas começaram a nascer.

Escrever para Organizar o Mundo

Escrever um roteiro não é apenas registrar informações. É organizar sentidos. É escolher o que entra e o que permanece nas entrelinhas. É decidir qual voz narrará a história: a voz do estudante, a voz do entrevistado ou uma mistura das duas, tecida com cuidado e respeito.

A professora de Português conduziu esse processo como quem seguia uma lanterna: iluminando caminhos, mas permitindo que fossem os estudantes a caminhar. Foram discutidos:

- Estrutura narrativa;
- Progressão temática;
- Marcadores discursivos;
- Estratégias de argumentação;
- Criação de atmosfera;
- Ética na representação de vozes reais.

A escrita, pela primeira vez para muitos deles, deixou de ser castigo e se tornou ferramenta de pensamento.

Quando a Vida Vira Texto: O Encontro entre Emoção e Análise

A cada parágrafo escrito, algo profundo acontecia. O estudante que nunca se achou capaz de escrever um texto longo agora organizava uma narrativa completa. Aquele que dizia “não sei o que falar” agora encontrava as palavras certas para transmitir a força das entrevistas. A menina que falava pouco em sala produzia o roteiro mais sensível do grupo, repleto de emoção e firmeza.

As histórias ouvidas ecoavam nos textos. As injustiças relatadas pelos moradores ganhavam forma crítica. A memória da comunidade se apresentava como personagem viva. Os estudantes não apenas recontavam fatos: interpretavam, refletiam, denunciavam, celebravam.

E, ao escrever, eles se descobriam.

Descobriam que podiam argumentar.

Descobriam que tinham ritmo, estilo, sensibilidade.

Descobriam que a escrita pode ser instrumento de luta.

A Escrita Coletiva: Um Gesto de Solidariedade

Havia grupos que discutiam cada frase, como se a palavra certa pudesse abraçar a história do entrevistado. Outros reescreviam trechos repetidas vezes, buscando precisão. Muitos se apoiavam mutuamente: um estudante revisava o texto do outro, sugeria alterações, elogiava trechos. A escrita se tornou ato coletivo.

Nessas trocas, os jovens aprenderam algo que muitas práticas escolares ignoram: escrever não é ato solitário, é construção compartilhada.

Os roteiros se transformaram em teias, onde cada estudante colocava seu fio, seu olhar, seu toque.

A Descoberta da Autoria

Em determinado momento, durante uma das revisões, um estudante olhou para o próprio texto com brilho nos olhos e disse: — Professora, fui eu quem escreveu isso?

A pergunta não era sobre dúvida técnica; era sobre identidade. Era o reconhecimento de um eu que emerge quando a palavra encontra lugar.

Autoria não é apenas assinar um texto, é se reconhecer dentro dele. E foi isso que o projeto proporcionou: o encontro entre o estudante e sua palavra. A argumentação como exercício de consciência.

Ao transformar entrevistas em narrativas, os estudantes também exercitaram argumentação. Eles precisavam:

- Escolher o foco da história;
- Contextualizar;
- Posicionar-se criticamente;
- Dialogar com temas sociais;
- Construir conclusões que ecoassem responsabilidade.

A escrita transformou aquilo que ouviram em entendimento profundo. E esse entendimento não ficou restrito ao texto: tornou-se consciência. O aumento de 22% nas notas de escrita, registrado mais adiante no livro, não foi acaso. Foi resultado de um aprendizado que nasce da vida, não apenas da técnica. Foi consequência de estudantes escrevendo com sentido, com verdade, com desejo de comunicar.

O Cuidado com as Vozes Alheias

A roteirização exigiu dos estudantes não apenas habilidade técnica, mas ética. Eles carregavam histórias delicadas, vulneráveis. Era preciso cuidar das palavras, proteger memórias, evitar sensacionalismos. O roteiro se tornou espaço de responsabilidade.

Ao escrever sobre injustiças sociais, eles aprendiam também a respeitar as pessoas que as viveram.

Escrever, então, tornou-se gesto político de amor:
amor pela comunidade,
amor pela verdade,
amor pela palavra bem usada.

O Nascimento de Narrativas que Importam

Quando os roteiros começaram a tomar forma final, a escola viveu um dos momentos mais bonitos do projeto. Não havia ali textos frios, mecânicos, desconectados. Havia narrativas vivas, pulsantes, carregadas de afeto e de crítica. Os estudantes não só escreveram. Eles existiram na escrita. E, quando uma pessoa passa a existir na própria palavra, nada mais a silencia.

CAPÍTULO 9 - ETAPA 4: GRAVAÇÃO E EDIÇÃO: QUANDO A VOZ ENCONTRA O MUNDO

Há momentos na vida escolar que parecem pequenos à primeira vista, mas carregam uma força que só se revela mais tarde. O instante em que um estudante aperta o botão “gravar” é um deles. É um gesto simples, aparentemente técnico, mas que carrega séculos de silenciamento, timidez acumulada, medos infantis, expectativas sociais, e uma coragem que brota devagar, mas firme.

O laboratório de informática, que tantos conheciam apenas como espaço de exercícios repetitivos, transformou-se em estúdio. Havia ali uma tensão bonita, a tensão do novo. No fundo, os estudantes sabiam que estavam prestes a fazer algo diferente de tudo o que já haviam feito na escola: transformar suas palavras em registro, sua voz em documento, sua emoção em narrativa.

O corpo antes da voz

Quando o microfone apareceu sobre a mesa, ninguém falou de imediato.

A voz, antes de sair, passa pelo corpo.

E o corpo sente.

Alguns estudantes respiraram fundo.

Outros mexeram as mãos.

Alguns riram por nervoso.

Outros olharam para o roteiro como quem olha para um mapa que precisa ser decifrado.

Era como se cada um precisasse se reconectar consigo antes de falar.

E isso, por si só, já era pedagógico.

A professora de Português orientou leitura em voz alta, pausas, dicção. O professor de Informática mostrou como posicionar o microfone, como controlar ruídos, como testar o volume. As vozes foram aquecendo o espaço. De repente, o laboratório parecia menor, não por falta de espaço, mas porque a voz ocupa lugar, preenche, expande.

E, finalmente, alguém começou.

A primeira frase dita no microfone abriu uma brecha. A barreira da vergonha caiu. O medo se misturou com a coragem. E o que surgiu foi absolutamente humano.

Descobrir a Própria voz é Descobrir a si Mesmo

Todos nós carregamos uma imagem sobre como soamos. Mas ouvir a própria voz gravada é quase sempre um choque: ela é mais nítida, mais próxima, mais reveladora do que imaginávamos. E isso aconteceu com os estudantes.

- Professora, sou eu quem fala assim?
- Nunca pensei que minha voz fosse tão forte.
- Nossa, eu parecia segura!
- Peraí, deixa eu tentar de novo...

A gravação permitiu que se vissem de fora.

E, ao se verem, se reconheceram.

A voz trêmula que parecia frágil ganhou presença.

A voz baixa ganhou projeção.

A voz tímida ganhou confiança.

A técnica não corrigiu a voz, ela a ampliou.

O Desafio de Lapidar Áudio: Uma Nova Forma de Escrita

A edição veio logo depois, e trouxe outro tipo de descoberta: editar é escrever de novo, só que com som. Os estudantes aprenderam a:

- Cortar trechos longos,
- Ajustar volume,
- Reduzir ruídos,

- Inserir trilhas que criavam atmosfera,
- Reorganizar falas para dar ritmo à narrativa.

Era lindo observá-los inclinados sobre as telas, com fones de ouvido, discutindo detalhes:

- Esse trecho ficou muito rápido, vamos respirar um pouco aqui.
- A voz dela ficou baixa, aumenta só um pouquinho.
- Coloca essa música, combina com o tom da história.
- Tá ouvindo esse barulho? Vamos tirar pra ficar mais limpo.

Não era apenas técnica.

Era cuidado.

O áudio tornou-se lugar de sensibilidade.

E o estudante percebeu que controlar o som é controlar a forma como o mundo ouvirá sua mensagem.

Superando Timidez, Medo, Insegurança

Talvez o maior desafio dessa etapa não tenha sido técnico, mas emocional. Alguns estudantes tinham vergonha da própria voz. Outros se sentiam inseguros lendo seus roteiros. Alguns queriam desistir na primeira tentativa.

Mas a gravação não é um ato solitário, ela nasce no coletivo.

Colegas incentivavam:

- Vai, tenta de novo, ficou ótimo!
- Respira e fala devagar.
- Eu te ajudo a segurar o microfone.

A escola se encheu de uma cumplicidade rara.

E a cada nova gravação, um pouco mais de coragem brotava.

A voz que antes hesitava começou a se firmar.

Aquela que parecia pequena descobriu que podia ganhar espaço.

E a que tremia encontrou força na mensagem que carregava.

Quando a Técnica Encontra a Ancestralidade

Algo muito bonito aconteceu: a tecnologia não abafou a oralidade tradicional, ela a valorizou.

Porque cada estudante trouxe para o microfone a entonação herdada da família, da rua, do território.

A fala marcada pelo ritmo nordestino, pelo sotaque cheio de história, pelas expressões que carregam cultura... tudo isso se tornou elemento estético do podcast.

A tecnologia não padronizou a voz.

A tecnologia celebrizou a voz.

A Gravação como Ritual de Passagem

Quando um episódio era gravado, os estudantes comemoravam. Não era apenas conclusão de tarefa, era conquista. Cada gravação representava:

- A superação da timidez,
- O domínio de uma nova linguagem,
- O compromisso com a história coletada,
- A entrada na esfera pública da comunicação.

Foi um ritual.

Um rito silencioso, mas profundo.

Uma travessia de ser apenas estudante para se tornar autor.

Editar é Cuidar do que foi Dito

Durante a edição, surgiu algo ainda mais bonito: o cuidado com a fala do outro.

Os estudantes tratavam as entrevistas como bens preciosos.

— Não vamos cortar isso, é importante para a história.

— Esse trecho ficou muito bonito, vamos destacá-lo.

— Ele ficou emocionado, dá para perceber pela voz, não tira isso não.

Eles aprenderam que a edição não deve apagar emoções, deve honrá-las.

Assim, o ato de editar tornou-se gesto ético: preservar a dignidade de quem confiou sua história.

E Então... Surgiram os Episódios

Ao final da edição, quando os estudantes deram play e escutaram o episódio completo pela primeira vez, o ar mudou. O silêncio que se seguiu não era vazio, era reverência.

Eles ouviram sua própria transformação.

Entenderam que a voz deles agora tinha forma, corpo, destino.

Entenderam que estavam colocando no mundo algo que não poderia mais ser desfeito.

Entenderam que, a partir daquele momento, eram parte da memória do território.

Os episódios não eram apenas arquivos de áudio.

Eram cicatrizes bonitas, marcas de passagem, registros de coragem.

CAPÍTULO 10 - ETAPA 5: SOCIALIZAÇÃO E IMPACTO: QUANDO A COMUNIDADE ESCUTA SUA PRÓPRIA VOZ

Quando os episódios ficaram prontos, algo silencioso e grandioso pairou sobre a escola. Era a sensação de que, finalmente, havia chegado a hora de devolver ao território aquilo que ele havia oferecido aos estudantes: suas histórias, suas dores, suas memórias, sua coragem. A etapa da socialização não foi apenas apresentação de resultados, foi ato de devolução, gesto de respeito, celebração da ancestralidade e reconhecimento coletivo.

A escola, que tantas vezes acolheu vozes sem poder ouvi-las verdadeiramente, abriu suas portas para que a comunidade escutasse a si mesma.

O Dia da Apresentação: Quando o Pátio Vira Palco

Os episódios foram apresentados no pátio da escola e em uma sala organizada especialmente para esse momento. Havia cadeiras dispostas, caixinhas de som preparadas, professores atentos, estudantes ansiosos e convidados curiosos. O espaço comunitário tornou-se auditório, e o auditório tornou-se território sagrado.

Quando o primeiro episódio começou a tocar, o silêncio foi absoluto. Não o silêncio do desinteresse — mas o silêncio do sagrado.

Era a voz de um estudante narrando com delicadeza uma história de resistência local. Era a fala de uma moradora ecoando na escola que, talvez, nunca a tivesse ouvido antes. Era o som da comunidade entrando pela porta principal com dignidade.

Alguns estudantes olharam discretamente para os pais e familiares presentes, tentando adivinhar suas reações. Outros ficaram imóveis, com os

olhos fixos no chão, como se escutassem não apenas o áudio, mas a si mesmos. Alguns professores enxugaram discretamente lágrimas que insistiam em aparecer. Havia ali uma emoção que não cabia em palavras. A escola inteira respirava junto. A comunidade se vê, se reconhece, se cura. A socialização fez surgir algo inesperado: a comunidade se enxergou nos episódios.

Um senhor mais velho, ao ouvir sua história narrada pelos estudantes, colocou a mão no peito como quem protege uma memória delicada. Uma mãe emocionou-se ao ouvir a voz da filha apresentando um tema difícil com maturidade. Uma professora disse que nunca tinha escutado os estudantes com tanta profundidade.

Pela primeira vez, muitos moradores perceberam que sua história, que antes parecia comum, pequena ou irrelevante, tinha se tornado conhecimento público, registro permanente, documento afetivo.

Eles não eram mais anônimos no tempo.

Eram protagonistas.

Eram poesia viva.

Eram parte do currículo real da escola.

A socialização devolveu a eles aquilo que muitas vezes lhes foi negado: o direito de serem ouvidos.

Os Estudantes como Mediadores da Memória

Ao apresentar seus episódios, os estudantes assumiram um papel que vai além da escolaridade: tornaram-se mediadores entre o passado e o presente, entre a comunidade e a escola, entre a dor e a cura.

Eles explicaram seus processos:

— “Fizemos essa escolha narrativa porque queríamos respeito com a entrevistada.”

— “Esse trecho ficou mais forte porque a fala dele nos emocionou muito.”

— “A gente quis mostrar como esse problema social ainda acontece hoje.”

Diante dessas falas, era possível perceber algo nítido: os estudantes tinham se tornado jovens intelectuais do território.

Eles não só reproduziram histórias.

Eles interpretaram.

Eles contextualizaram.

Eles problematizaram.

Eles transformaram.

O impacto na escola: mudança que se espalha

A socialização dos episódios provocou impactos profundos na escola:

1. Os professores perceberam o potencial das narrativas como ferramenta pedagógica. O projeto abriu portas para novas práticas, mais sensíveis e humanizadas.
2. A equipe escolar reconheceu a importância do território como conteúdo. A comunidade deixou de ser apenas contexto e passou a ser conhecimento.
3. Os estudantes ganharam autoconfiança e protagonismo. A apresentação pública do trabalho consolidou a certeza de que suas vozes têm alcance.
4. O clima escolar se transformou. A escola ficou mais viva, mais afetiva, mais conectada com seu entorno.
5. A cultura local ganhou novo status. O que antes era visto como simples memória oral tornou-se material educativo, matéria-prima de reflexão, parte da identidade institucional.

O Impacto no Território: Quando a Escola Devolve Vida

A socialização não impactou apenas a escola, impactou o território. A publicação dos episódios nas redes sociais oficiais da escola ampliou ainda mais o alcance. Comentários começaram a surgir:

- “Essa história marcou minha infância.”
- “Parabéns aos estudantes, ficou emocionante!”
- “Nunca pensei que alguém fosse registrar isso.”
- “A escola está fazendo algo importante para nossa comunidade.”

A comunidade reconheceu o valor do que foi feito e se sentiu valorizada.

Esse reconhecimento tem força política:
mostra que a escola não está isolada,
não está acima da comunidade,
não está distante do território.

A escola é parte dele.

E é assim que deve ser.

O Impacto nos Estudantes: Pertencimento e Propósito

Quando os estudantes viram que suas produções emocionaram outras pessoas, algo poderoso aconteceu: eles descobriram propósito. A gravação, que antes era tarefa, tornou-se missão. E a missão se transformou em identidade.

Eles deixaram de se ver como alunos cumprindo uma atividade escolar e passaram a se reconhecer como autores de algo que pertence ao mundo. Esse tipo de experiência marca vidas. Ela planta sementes de autoestima, de desejo de continuar estudando, de sentir-se capaz, de compreender-se como sujeito social.

O Projeto Termina, Mas Algo Permanece

Quando o último episódio foi tocado e os últimos aplausos ecoaram pelo pátio, a sensação não foi de encerramento, foi de continuidade.

Porque projetos terminam.

Mas transformações não.

Cada estudante carregou consigo uma nova percepção do próprio valor.

Cada morador levou para casa a emoção de ser reconhecido.

Cada professor renovou sua esperança na educação pública.

E a escola integrou ao seu corpo uma memória que permanecerá.

As vozes gravadas agora existem no tempo.

Os estudantes, ao libertarem suas palavras, libertaram também algo dentro de si.

E a comunidade, ao se ouvir, reconstruiu parte da própria dignidade.

A etapa da socialização foi, assim, mais do que conclusão: foi renascimento.

CAPÍTULO 11 - RESULTADOS E ANÁLISES: O QUE REVELAM AS VOZES, OS TEXTOS E OS NÚMEROS

Há resultados que cabem em tabelas, porcentagens, documentos oficiais. E há outros, talvez os mais importantes, que se escondem no brilho do olhar, na respiração aliviada depois de uma fala bem dita, no sorriso que nasce quando o estudante percebe que conseguiu, no abraço que sela a superação de um medo. Este capítulo fala dos dois: dos números e das vidas que eles representam.

O projeto “Narrativas para Transformar” nasceu do desejo de fortalecer leitura, escrita, oralidade e consciência crítica. Mas os resultados ultrapassaram qualquer previsão. Porque quando uma escola decide devolver a palavra aos seus jovens, ela não apenas melhora indicadores, ela desperta sujeitos.

Aqui, apresento as análises dos resultados, tanto quantitativos quanto qualitativos, baseados no relatório institucional da experiência. Faço isso não como técnica fria, e sim como quem lê histórias nas entrelinhas dos dados.

A Força dos Números: Quando a Aprendizagem se Torna Visível

O projeto estabeleceu indicadores claros, metas realistas, caminhos definidos. Mas os estudantes ultrapassaram tudo o que se esperava deles.

Indicador 1 — Aumento de 20% na produção textual

Resultado alcançado: aumento médio de 22%.

Esse crescimento não brotou de exercícios mecânicos de gramática, mas da experiência de escrever algo que fazia sentido. Quando o estudante percebe que a palavra tem destinatário, um morador da comunidade, um

colega, a própria história, a escrita deixa de ser tarefa e se torna gesto de comunicação.

Os textos ganharam estrutura, coerência, sensibilidade, argumentação.

O que antes parecia difícil tornou-se possível.

E o possível tornou-se belo.

Indicador 2 — Produção de 4 episódios de podcast

Resultado alcançado: 5 episódios produzidos.

Ultrapassar a meta significa algo simples e profundo: os estudantes quiseram fazer mais. Quando um projeto desperta desejo, o aprendizado se expande sem que ninguém precise mandar.

Indicador 3 — 100% dos estudantes usando plataformas digitais

Resultado alcançado: 100%, com satisfação.

Não foi apenas domínio técnico.

Foi autonomia.

Foi encantamento.

Foi a descoberta de que tecnologia não é luxo — é possibilidade.

Indicador 4 — Realização de 10 entrevistas

Resultado alcançado: 11 entrevistas.

Uma a mais.

Um gesto simples, mas simbólico.

Significa: “Queremos ouvir. Queremos saber. Queremos registrar.”

Indicador 5 — 80% de engajamento com temas sociais

Esse número não fala de cumprimento de metas.

Fala de consciência.

Fala de estudantes que olharam para sua comunidade e disseram:

“Isso precisa ser contado.”

A Força das Vozes: Quando a Aprendizagem se Torna Experiência

Os resultados qualitativos são, talvez, os mais emocionantes. Eles não cabem em planilhas; carregam um tipo de verdade que só aparece quando escutamos com atenção.

A escrita que nasce da vida

Ao ler os roteiros, era possível perceber um amadurecimento afetivo e crítico que dificilmente se alcança em práticas tradicionais. Os estudantes escreveram sobre:

- Desigualdade socioeconômica,
- Racismo,
- Violência,
- Apagamento da cultura local,
- Resistência comunitária,
- Esperança.

Mas escreveram não como quem cumpre exigência escolar, escreveram como quem ergue um espelho diante da própria realidade e tenta compreendê-la.

O texto deixou de ser técnica e tornou-se testemunho.

A voz que aprende a existir

Nas gravações, era possível ouvir timidez se transformando em firmeza.

A voz que tremia na primeira leitura se estabilizava na terceira.

A respiração ansiosa se tornava ritmo.

As pausas hesitantes se convertiam em potência.

A voz é marca de identidade — e esses estudantes descobriram que têm uma.

A escuta como prática de cidadania

Cada entrevista criou laços.

Cada narrativa aproximou gerações.

Cada episódio devolveu dignidade à comunidade.

Os estudantes não apenas ouviram histórias; foram transformados por elas.

E isso é cidadania no sentido mais pleno: compreender-se parte de um coletivo.

O Impacto Subjetivo: Aquilo que não Cabe em Indicadores

Houve resultados que não foram esperados, mas que se tornaram centrais.

O aumento da autoestima acadêmica

Estudantes que se escondiam no fundo da sala agora queriam apresentar seus episódios.

Estudantes que nunca tinham escrito mais de um parágrafo agora escreviam páginas.

Eles perceberam que podem — e isso muda tudo.

O fortalecimento de vínculos comunitários

A escola deixou de ser espaço separado e tornou-se extensão do território. A comunidade percebeu que suas histórias tinham valor acadêmico. E isso gera pertencimento — a raiz mais profunda da aprendizagem significativa.

A transformação dos professores

Os educadores envolvidos relataram sentir-se renovados. Foi como reencontrar a essência da profissão: a aposta no humano.

O surgimento de uma pedagogia da escuta

A escola passou a olhar para o território de modo mais afetuoso e crítico.
As narrativas abriram portas para discussões que antes pareciam distantes.

O impacto emocional

Houve lágrimas.

Houve silêncios densos.

Houve risos longos.

Houve cura.

Nem todos esses impactos podem ser traduzidos em palavras — mas todos permaneceram nas pessoas.

O Resultado Maior: A Transformação Coletiva

Ao reunir todos os indicadores, números, relatos e vozes, emerge uma compreensão profunda: o projeto não apenas ensinou — ele transformou.

Transformou estudantes em autores.

Transformou memória em conhecimento.

Transformou tecnologia em afeto.

Transformou a escola em território vivo.

Transformou a comunidade em sala de aula.

Transformou silêncio em potência.

E toda transformação verdadeira é semente.

A semente de que a educação pública, quando feita com amor, rigor, sensibilidade e propósito, tem força para iluminar caminhos que antes pareciam impossíveis.

CAPÍTULO 12 - NARRATIVAS DOS ESTUDANTES: AS HISTÓRIAS QUE TOCARAM O CORAÇÃO DA ESCOLA

Os episódios produzidos pelos estudantes da 2^a Série A não foram apenas exercícios pedagógicos: foram janelas. Janelas abertas para vidas que seguiam invisíveis nos corredores da escola e nas ruas da comunidade. Quando os jovens se tornaram narradores, e não apenas ouvintes, algo fundamental se revelou: eles carregam dentro de si um mundo que a escola, muitas vezes, não vê.

Este capítulo não reproduz os roteiros na íntegra, porque cada voz pertence a quem a viveu. Mas apresenta o espírito dessas narrativas, os temas que surgiram, os sentimentos que afloraram, as reflexões que surgiram pelo caminho, e que ecoaram intensamente dentro e fora da escola.

É um capítulo sobre histórias.

É um capítulo sobre gente.

É um capítulo sobre o que realmente transforma.

A História da Resistência Silenciosa

Um dos primeiros episódios apresentados pelos estudantes trazia a voz de uma senhora idosa, moradora antiga do município. Sua fala era tranquila, mas carregada de uma sabedoria que não se aprende em livros.

Ela contou sobre o tempo em que estudar era privilégio de poucos. Sobre caminhar quilômetros descalça para chegar à escola. Sobre o medo da chuva, do escuro, das estradas de barro. Sobre como os sonhos de muitas meninas eram interrompidos pela pobreza, pelo trabalho doméstico, pelas expectativas sociais.

Ao narrar essa entrevista, a estudante responsável pela voz do episódio tremia um pouco, não de insegurança, mas de reverência. Era como se estivesse tocando algo sagrado. E estava.

Porque, naquela história, ela enxergou sua avó.

Enxergou sua mãe.

Enxergou a si mesma.

A narrativa fez a escola respirar fundo.

E, por um instante, todos lembraram que a educação é um ato de resistência transgeracional.

A História da Luta Contra a Desigualdade

Outro grupo escolheu entrevistar um trabalhador que vivenciou episódios de desigualdade econômica tão marcantes que moldaram sua visão de mundo. Ele contou sobre empregos instáveis, sobre os dias em que não havia dinheiro para comida, sobre tentar estudar à noite com sono e fome. Mas contou também sobre esperança, aquela esperança teimosa que resiste mesmo quando tudo parece desabar.

O estudante que narrava essa história colocou em sua voz uma força que ninguém esperava. Era firme, consciente, emocionada. Quando ele falou sobre a luta por dignidade, sua voz quase falhou. Mas não caiu. Porque havia ali não apenas narrativa, mas identificação.

Ao final do episódio, a escola ficou em silêncio. Um silêncio que dizia: essa história não é só dele, é nossa.

A História do Preconceito e da Coragem

Uma das narrativas mais fortes foi feita por um grupo que conversou com um jovem que já havia enfrentado racismo desde a infância. Ele falou sobre a primeira vez em que foi insultado na rua. Sobre o professor que o subestimou. Sobre como demorou a compreender que o problema nunca foi ele, foi o mundo.

Os estudantes, ao transformarem essa entrevista em podcast, não suavizaram nada.

Não romantizaram.

Não esconderam a dor.

Mas também deram espaço para a potência.

Falaram sobre a coragem do entrevistado.

Sobre sua determinação em estudar, trabalhar, construir vida.

Sobre o orgulho de sua identidade.

Sobre a beleza de existir em resistência.

Esse episódio fez a escola inteira pensar sobre seus próprios silêncios.

Sobre quantas situações de preconceito já passaram despercebidas. Sobre como a educação precisa enfrentar, e não apenas observar, as desigualdades. Foi uma narrativa que feriu, e curou.

A História da Mulher que não Desistiu

Outro grupo entrevistou uma mulher que enfrentou violência doméstica e se reergueu com dignidade. Ela contou sua história com voz firme, os olhos brilhando não de tristeza, mas de determinação.

Os estudantes trataram essa narrativa com extremo cuidado.

Fizeram pausas longas.

Inseriram trilhas suaves.

Criaram um ambiente de respeito.

No episódio, a estudante narradora disse:

“Essa não é uma história de dor. É uma história de força.”

E, naquele momento, ficou claro que os jovens compreenderam o poder da narrativa como instrumento de justiça.

A História da Fé e da Solidariedade

Houve também narrativas leves, cheias de afeto. Um grupo entrevistou uma liderança religiosa que falou sobre amor, comunidade, partilha. Sobre ajudar quem precisa. Sobre como pequenas ações podem transformar vidas.

O episódio trouxe uma delicadeza profunda.

Foi como uma respiração no meio das lutas.

Como um descanso de alma.

E, ao ouvir, muitos estudantes sentiram paz, aquela paz que só a escuta generosa pode proporcionar.

A História do Cotidiano que Vira Poesia

Nem todas as narrativas tratavam de grandes conflitos. Algumas eram sobre o simples: a rotina da feira, a infância nas ruas de terra, a brincadeira de roda, os primeiros amores, o cheiro do café feito no fogão a lenha.

Mas essas histórias, justamente por serem cotidianas, carregavam beleza.

O projeto ensinou os estudantes a enxergar poesia onde antes viam apenas repetição.

A narrativa do cotidiano virou celebração.

E a celebração virou pertencimento.

O Impacto das Narrativas nos Estudantes

As narrativas não transformaram apenas quem ouviu, transformaram quem produziu.

Os estudantes aprenderam que:

- Toda vida tem valor;
- Toda história merece ser contada;
- Escrever é um ato político;
- Falar é um ato de coragem;
- Escutar é um ato de amor.

Eles cresceram.

Intelectualmente.

Afetivamente.

Politicamente.

O Impacto das Narrativas na Escola

A escola se viu nas histórias.

Descobriu feridas antigas.

Descobriu forças esquecidas.

Descobriu caminhos possíveis.

Os episódios, guardados agora como registro permanente, tornaram-se memória da instituição, legado vivo para futuras turmas.

O Impacto das Narrativas no Livro

Este livro não é sobre podcasts.

É sobre pessoas.

E cada narrativa produzida pelos estudantes reafirma aquilo que, desde o primeiro capítulo, tentamos anunciar: quando uma escola escolhe escutar, ninguém permanece o mesmo.

CAPÍTULO 13 -

PROTAGONISMO JUVENIL E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A POTÊNCIA DE UMA GERAÇÃO QUE DECIDE FALAR

Há momentos na vida escolar em que o professor percebe, com a claridade de um relâmpago silencioso, que o que nasce ali vai muito além dos muros da instituição. Foi assim quando os estudantes da 2ª Série A começaram a assumir, sem perceber, o papel de protagonistas de um movimento que já não era mais apenas um projeto pedagógico, era um projeto de mundo.

O protagonismo juvenil não surgiu como bandeira teórica, mas como consequência natural do gesto de falar e ser ouvido. Ele emergiu na respiração acelerada antes de apertar “gravar”, na atenção cuidadosa ao entrevistar um morador, na emoção que transbordou quando as histórias foram compartilhadas com a comunidade. O protagonismo apareceu nos detalhes, nos vínculos, nas escolhas narrativas.

Sobretudo, apareceu nas coragens pequenas, aquelas que só quem trabalha com jovens conhece: levantar a mão, tentar de novo, ler em voz alta, defender um ponto de vista, tocar temas difíceis, enfrentar a timidez, ousar existir.

Quando o Jovem se Reconhece como Sujeito Histórico

Paulo Freire (2023) dizia que a consciência se forma quando o sujeito se percebe capaz de agir sobre o mundo. E foi isso que aconteceu. Ao nar-

rar histórias de injustiça social, os estudantes entenderam que não estavam apenas descrevendo o mundo, estavam interpretando-o. E mais: estavam se posicionando dentro dele.

Eles não eram mais personagens secundários de uma narrativa escrita por outros.

Eles se tornaram autores da leitura crítica do seu território. Esse gesto, embora pareça simples, é revolucionário numa sociedade que tantas vezes tenta calar, domesticar ou invisibilizar as vozes das periferias. Quando um estudante de escola pública descobre que sua palavra tem peso, o mundo inteiro se desloca um pouco.

A Responsabilidade que Nasce da Escuta

Escutar histórias da própria comunidade exige maturidade.

Exige ética.

Exige empatia.

Os estudantes aprenderam que protagonismo não é falar sem parar, é falar depois de escutar profundamente. É compreender que a voz do outro merece cuidado. Que memória é território sagrado. Que narrativa tem consequências.

Ao entrevistar moradores, os jovens perceberam que lidavam com vivências que atravessam séculos: desigualdades, lutas, resistências, dores e alegrias que compõem a identidade coletiva de Pedras de Fogo.

A cada entrevista, um estudante amadurecia.

A cada roteiro, outro se fortalecia.

A cada gravação, surgia mais um sujeito crítico.

O protagonismo não era performativo, era vivido.

O Gesto Político de Ocupar o Espaço da Palavra

A escola pública brasileira historicamente luta para garantir o direito de aprender.

Mas há um direito ainda mais profundo: o direito de dizer.

Dizer o que pensa.

Dizer o que sente.

Dizer o que vive.

Dizer o que sonha.

Esse direito é político, e foi exercido ali, diante de microfones simples e computadores escolares. Cada jovem que narrou um episódio fez um movimento de insurgência: tomou para si o espaço da palavra. E, ao fazê-lo, repositionou seu lugar no mundo.

Não era mais um jovem “que não gosta de escrever” ou “que tem vergonha de falar”.

Agora era um narrador.

Era um comunicador.

Era um agente de memória.

Era um sujeito epistêmico, alguém que produz conhecimento, não apenas recebe.

O microfone virou símbolo.

Símbolo de voz.

Símbolo de autonomia.

Símbolo de poder.

A Transformação que Toca o Coletivo

O protagonismo juvenil não transforma apenas quem fala, transforma quem escuta.

Os colegas se inspiraram uns nos outros.

A escola se emocionou.

A comunidade se reconheceu nos jovens.

Os professores reconfiguraram suas práticas.

E a gestão compreendeu que ali havia algo que deveria permanecer.

Um projeto que, no início, era pedagógico... tornou-se político, social e afetivo.

Aquele jovem que antes achava que não tinha futuro agora se via como alguém capaz de produzir algo que emociona adultos.

Aquele que acreditava que sua voz era pequena agora percebia que ela ecoava no pátio inteiro.

Aquele que se via como “aluno mediano” agora sabia que era autor.

O protagonismo juvenil produz revoluções silenciosas, mas permanentes.

O Território Também se Transforma Quando o Jovem se Transforma

A comunidade de Pedras de Fogo escutou seus jovens narrando temas difíceis: desigualdade, violência, racismo, resistência. E, ao ouvi-los, algo se moveu no tecido social.

É raro ver jovens falando com tanta consciência sobre suas próprias realidades.

É raro ver estudantes tratando com seriedade histórias que não costumam chegar às mídias tradicionais.

É raro ver adolescentes defendendo com firmeza o direito de suas comunidades à memória e à voz.

E essa raridade, quando aparece, produz deslocamentos.

Um morador escutou sua história e se emocionou.

Uma mãe ouviu a filha narrar com maturidade e se orgulhou.

Um comerciante compartilhou o episódio com outros trabalhadores.

A escola recebeu mensagens de elogio, de reconhecimento, de gratidão.

Os jovens, ao narrarem o território, acabaram transformando-o.

Protagonismo como Legado

O que nasceu nesse projeto não ficará restrito a um ano letivo.

Os episódios existem — registrados, guardados, disponíveis.

Os estudantes existem — mais conscientes, mais fortes, mais sensíveis.

A comunidade existe — mais vista, mais honrada, mais valorizada.

E a escola existe — agora como espaço que não apenas ensina, mas escuta.

O protagonismo juvenil que emergiu aqui não é temporário: é legado.

É semente que outros estudantes colherão.

É marca que fica na instituição.

É caminho que se abre para projetos futuros.

É memória que será contada por muito tempo.

E talvez o maior resultado de tudo isso seja este:

Os estudantes compreenderam que transformar o mundo não é tarefa de adultos distantes, é um gesto que começa no território, na sala de aula, na comunidade, no corpo e na voz de cada jovem que decide falar.

CAPÍTULO 14 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PALAVRA QUE PERMANECE, O MUNDO QUE SE REFAZ

Há experiências que não cabem inteiras na memória, crescem demais, transbordam, se espalham para dentro de nós e nos acompanham por anos, silenciosas, mas sempre vivas. Esse projeto é uma dessas experiências. Ele começou como uma proposta pedagógica, um plano cuidadosamente escrito e organizado, mas rapidamente se tornou outra coisa: um acontecimento humano.

Ao longo das etapas, estudantes encontraram suas vozes, professores reencontraram sua esperança, a comunidade sentiu-se reconhecida e a escola transformou-se em território vivo de memória e afeto. Tudo isso nasceu daquilo que sempre esteve disponível, mas raramente é valorizado: a palavra.

A palavra do outro.

A palavra de quem nunca foi ouvido.

A palavra do estudante que não acreditava em si.

A palavra que denuncia.

A palavra que cura.

A palavra que permanece.

A Escola como Lugar de Humanidade

Este livro é testemunho de que a escola pública, quando guiada por sensibilidade, rigor e propósito, pode ser o espaço mais fértil de transformação social. Não porque resolve todos os problemas do território, mas porque oferece o que há de mais precioso na educação: a possibilidade de olhar o mundo com outros olhos.

Nada do que foi vivido aqui é pequeno.
A senhora que contou sua história de resistência.
O trabalhador que abriu sua dor diante de adolescentes.
O jovem que admitiu ter sido ferido pelo racismo.
A mulher que transformou violência em força.
Os estudantes que ouviram tudo isso com respeito e gravaram com cuidado.
Essas narrativas não são apenas conteúdo escolar, são memórias coletivas, são patrimônio afetivo, são grãos de dignidade plantados dentro de cada jovem.
Ao narrá-las, os estudantes compreenderam que aprender é sempre um ato político, e ensinar é sempre um gesto de amor.

A Juventude como Farol

Em cada capítulo deste livro, em cada ação do projeto, em cada episódio do podcast, uma certeza se fez presente: a juventude sabe o caminho.
Ela não precisa ser moldada; precisa ser ouvida.
Não precisa ser contida; precisa ser reconhecida.
Os jovens da 2ª Série A provaram que protagonismo não é bandeira vazia — é prática.
Eles pesquisaram com seriedade.
Escreveram com sensibilidade.
Gravaram com coragem.]
Refletiram com maturidade.
E socializaram seus trabalhos com a responsabilidade de quem sabe que a palavra tem peso.
Eles mostraram que a escola não deve preparar para a vida, deve ser vida.
E vida vivida com consciência.
O protagonismo que emergiu aqui não vai desaparecer ao fim do ano letivo.
Ele permanecerá no modo como esses jovens olharão suas comunidades.

Permanecerá nas escolhas que farão.

Permanecerá nos sonhos que ousarão sonhar.

A Comunidade como Currículo

Outro aprendizado poderoso do projeto é que a comunidade nunca esteve fora da escola — ela sempre foi parte do currículo, mesmo quando ninguém percebia.

O território educa.

A memória educa.

A dor educa.

A luta educa.

Os podcasts foram o fio que costurou comunidade e escola numa mesma trama.

E essa costura é talvez o maior legado: a certeza de que educação relevante nasce do encontro com o real.

A escola se reaproximou de seu entorno.

As pessoas se viram refletidas nas narrativas.

O território reconheceu sua própria dignidade.

E tudo isso foi construído com ferramentas simples: um celular, um microfone, um roteiro, um coração aberto.

A Tecnologia como Ponte

Neste projeto, a tecnologia não foi espetáculo — foi ponte.

Ponte entre gerações.

Ponte entre realidade e reflexão.

Ponte entre silêncio e voz.

O podcast mostrou que as ferramentas digitais podem humanizar — basta que estejam a serviço da escuta.

Quando a tecnologia encontra a sensibilidade, cria-se uma nova forma de ensinar: uma forma que não separa técnica de afeto, nem razão de emoção.

Os estudantes não se tornaram apenas usuários de tecnologia; torna-

ram-se criadores, artesãos da própria voz, produtores de conteúdo significativo.

Essa é a educação que prepara para o mundo: não a que ensina ferramentas, mas a que ensina a dar sentido a elas.

O Legado que Fica

O projeto termina, mas seus efeitos continuam se expandindo como círculos que se alargam na água.

Cada estudante leva consigo
um pouco da história que ouviu,
um pouco da coragem que sentiu,
um pouco da autoria que descobriu.

Cada professor leva consigo
a lembrança viva de que educar ainda vale a pena,
de que a juventude é potência,
de que a palavra liberta.

Cada morador leva consigo
o reconhecimento que tantas vezes lhe foi negado,
a emoção de ser visto,
a certeza de que sua vida tem valor.

E a escola leva consigo
um novo modo de olhar sua missão,
um novo modo de se relacionar com o território,
uma nova forma de acreditar em si mesma.

O projeto se encerra, mas a transformação permanece.

Permanece nas narrativas.

Permanece nos episódios gravados.

Permanece neste livro.

Permanece no mundo que, silenciosamente, começou a se refazer.

A Palavra Final

Se este livro ensina algo, é isto:

Quando uma Escola Decide Escutar, Ninguém
Permanece o Mesmo

Os estudantes mudam.

A comunidade muda.

A própria escola se transforma.

E, no centro de tudo, permanece o que sempre deveria guiar a educação: a palavra que cria, que cura, que denuncia, que acolhe, que transforma.

A palavra que, pronunciada por jovens que antes duvidavam de si, torna-se semente de futuro.

O projeto terminou.

Mas a palavra permanece.

E onde a palavra permanece, o mundo pode, finalmente, se refazer.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANDAU, Vera Maria. **Educação em direitos humanos: Conceitos, práticas e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para contar**. Rio de Janeiro, Record, 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WIGGINS, Grant; McTIGHE, Jay. **Understanding by Design**. Alexandria: ASCD, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

SOBRE A AUTORA

Jacineide Virgínia Borges Oliveira da Silva Santana

Cursando Doutorado em Ensino pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE- RENOEN). Possui Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É especialista em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e em Educação Especial pela Faculdade Norte-Sul. Graduada em Letras pela FFPG, em Pedagogia e em Educação Especial ambas pela Faculdade Única de Minas Gerais. Atualmente, é professora efetiva da Rede Estadual de Ensino da Paraíba. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de Língua Portuguesa, práticas pedagógicas interdisciplinares, alfabetização e letramento, inclusão educacional, formação de professores e políticas públicas para a educação básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- abandono social 14
- adolescentes 13, 66, 69
- agricultores 13, 16
- aprender 20, 25, 35, 64, 69
- aprendizagem 11, 12, 29, 36, 53, 55, 56
- atividade escolar 51
- autoestima 51, 56
- autonomia 11, 22, 27, 54, 65, 73

B

- boletim 22

C

- cidadania 21, 22, 56
- computadores 24, 26, 39, 65
- comunicação 46, 54
- comunidade 15, 17, 18, 23, 25, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 72
- conhecimento 11, 14, 20, 24, 25, 28, 34, 35, 49, 50, 57, 65
- construção física 13
- contemporânea 11, 25
- conversa 24, 27, 29, 30, 32
- cotidiano 14, 24, 29, 37, 61
- cultura 33, 46, 50, 55

D

desafio 11, 45
desenvolvimento 11, 12, 35
desigualdade 14, 21, 31, 37, 59, 66
desigualdade econômica 59
desigualdades 11, 13, 14, 17, 20, 25, 30, 37, 60, 64
diálogo 11, 19, 25, 28, 31
dicção 44
digitais 29, 30, 54, 70
dignidade 13, 47, 48, 52, 56, 59, 60, 69, 70
direito 16, 22, 49, 64, 65, 66
direitos humanos 17, 21, 73
discriminação 14, 21
discriminação racial 14
documento 43, 49

E

edição 26, 30, 32, 33, 44, 46, 47
educação 12, 13, 14, 17, 18, 20, 25, 27, 37, 51, 57, 59, 60, 68, 70, 71, 72, 73
emocional 45, 57
emoções 28, 46
ensino 11, 12, 13
entrevista 17, 18, 23, 29, 56, 59, 64
entrevistar 21, 30, 35, 39, 59, 63, 64
entrevistas 20, 30, 36, 37, 38, 40, 41, 46, 54
episódios 22, 36, 37, 47, 48, 49, 50, 54, 56, 58, 59, 61, 66, 71
escola 11, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 43, 45, 48, 49, 50, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73

escola pública 11, 14, 16, 24, 64, 68
escolarização 24
espaço comunitário 48
experiência 11, 12, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 31, 33, 51, 53, 55

F

ferramenta 25, 26, 40, 50
ferramentas 29, 30, 31, 33, 70, 71
freireana 31

G

gravação 22, 30, 33, 44, 45, 46, 51, 64

H

habilidade técnica 42
história 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 31, 38, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 58, 59, 60, 61, 66, 69, 71
histórias 13, 14, 16, 17, 28, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 48, 50, 53, 56, 58, 61, 63, 64, 66

I

identidade 31, 41, 50, 51, 55, 60, 64
inclusão 13, 73
indignações 30
infância 18, 50, 59, 61
informática 26, 29, 39, 43
injustiça 14, 17, 21, 22, 25, 31, 33, 36, 64

institucional 32, 50, 53
instituição 61, 63, 67
instrumento 11, 17, 21, 24, 40, 60
instrumentos 12, 29, 30

J

julgamento 22
 justiça 33, 60
 juvenil 6, 11, 27, 63, 65, 66

L

laboratório 26, 29, 39, 43, 44
 leitura 20, 44, 53, 55, 64
 letramento 11, 12, 16, 20, 22, 31
 libertadora 20
 linguagem 11, 12, 20, 21, 22, 46
 livros 16, 17, 20, 58
 luta 13, 23, 35, 37, 40, 59, 64, 70

M

memória 14, 16, 17, 18, 21, 25, 26, 32, 34, 35, 36, 40, 47, 49, 50, 51, 57, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 70
 metodologia 28, 29, 30, 31
 microfone 17, 33, 43, 44, 45, 46, 65, 70

N

narrativa 11, 14, 17, 18, 22, 28, 31, 32, 33, 39, 40, 43, 45, 49, 56, 59, 60,

61, 62, 64

narrativas 11, 12, 16, 17, 18, 19, 21, 29, 30, 31, 36, 39, 41, 42, 50, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71

O

oralidade 11, 12, 17, 18, 24, 25, 31, 37, 46, 53

P

pátio 24, 32, 48, 51, 65

pedagogia 27, 31, 57

pedagógica 11, 14, 25, 50, 68

pedagógicas 12, 14, 15

pedagógico 11, 17, 18, 25, 43, 63, 65

pedagógicos 11, 33, 58

perseguição 18, 21

podcast 11, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 32, 37, 46, 54, 59, 69, 70

policial 14

política 18, 21, 31, 37, 51, 73

político 13, 17, 26, 42, 61, 65, 69

práticas escolares 11, 41

preconceito 60

processo 26, 27, 30, 33, 40

processos 11, 12, 49

professor 11, 26, 33, 44, 51, 59, 63, 71

projeto 11, 12, 13, 14, 18, 21, 22, 25, 29, 30, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 50, 53, 54, 57, 61, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72

protagonismo 11, 50, 63, 64, 65, 66, 69

protagonistas 19, 32, 49, 63

pública 11, 12, 14, 16, 21, 24, 46, 50, 51, 57, 64, 68

públicas 6

R

- racismo 21, 33, 37, 59, 66, 69
- redes sociais 50
- reflexão 6, 11, 14, 18, 27, 50, 70
- resgate 23
- resistência 13, 14, 16, 17, 26, 27, 37, 48, 59, 60, 66, 69
- roteirização 30, 39, 42
- roteiro 18, 25, 30, 36, 40, 42, 43, 64, 70
- roteiros 17, 22, 29, 32, 39, 41, 42, 45, 55, 58

S

- sabedoria 17, 25, 58
- sala de aula 11, 22, 28, 35, 57, 67
- sensibilidade 25, 26, 28, 30, 31, 34, 40, 45, 54, 57, 68, 69, 70
- sensibilização 30, 32, 33, 34
- socialização 30, 48, 49, 50, 52
- superação 37, 46, 53

T

- técnica 6, 17, 18, 26, 28, 30, 31, 33, 41, 42, 44, 45, 53, 55, 70, 73
- técnico 25, 26, 33, 43, 45, 54
- tecnologia 16, 18, 24, 25, 26, 27, 29, 46, 54, 57, 70
- tecnológica 24
- território 11, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 24, 26, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 38, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 64, 66, 67, 68, 70, 71
- tesouro 31
- timidez 35, 43, 46, 55, 63
- trabalho escolar 18, 21, 34
- transgeracional 59

V

vergonha 44, 45, 65

vida pública 21

violência 14, 17, 21, 31, 37, 60, 66, 69

voz 14, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 55, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73

vulneráveis 42

